
A LITERATURA E A PRODUÇÃO TEXTUAL: DIÁLOGOS NO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA

Jéssica Kelly Rodrigues Siqueira (M/UFG/CAPES)¹

Resumo: O objetivo deste trabalho é discutir o ensino de literatura pensando na produção textual a fim de mostrar e propor uma intersecção entre ambos, tendo em vista a capacidade da leitura literária de ampliar a reflexão e criticidade dos alunos acerca de temas, realidades sociais e visões de mundo diferentes, por meio do acúmulo de experiência que a leitura literária possibilita. Para isso, objetiva-se apresentar reflexões e discussões sobre a importância do ensino de literatura para a produção textual. Como embasamento teórico foram utilizados os pressupostos dos Parâmetros Curriculares Nacionais (1997; 2000), das Orientações Curriculares Nacionais (2006), de Marisa Lajolo (1988; 2000), Antonio Candido (2011), Clecio Bunzen (2006) e Tvtezan Todorov (2009).

Palavras-chave: Literatura. Ensino. Produção de texto. Leitura.

THE LITERATURE AND THE TEXTUAL PRODUCTION: DIALOGUES IN THE TEACHING OF PORTUGUESE LANGUAGE

Abstract: The objective of this work is to discuss the teaching of literature thinking about textual production in order to show and propose an intersection between both, in view of the capacity of literary reading to extend students' reflection and criticism about themes, social realities and different visions of the world, through the accumulation of experience that literary reading enables. For this, it aims to present reflections and discussions about the importance of literature teaching for textual production. As a theoretical basis, the assumptions of the National Curricular Parameters (1997; 2000), the National Curricular Guidelines (2006), Marisa Lajolo (1988; 2000), Antonio Candido (2011), Clecio Bunzen (2006) and Tvtezan Todorov (2009) were used.

Keywords: Literature. Teaching. Text production. Reading.

Introdução

É de conhecimento geral que o ensino da literatura ao longo dos três anos do Ensino Médio tende a ser realizado de maneira engessada, como afirma Cereja (2004,

¹ Mestranda do Programa de Pós Graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal de Goiás com concentração na área de Estudos Literários. Agência financiadora: CAPES. Possui graduação em Letras – Licenciatura em Português pela Universidade Federal de Goiás. Atualmente, desenvolve pesquisa sobre a escolarização de Mário de Andrade no ensino médio.

p.18), a leitura do texto literário serve mais para exemplificar teorias do que para construir o conhecimento de literatura. Isso acontece porque na maioria das vezes se dá mais espaço e ênfase à apresentação de características de autores, estilos e épocas, ao invés de privilegiar o estudo aprofundado do texto literário. Com isso, o ensino de língua portuguesa se torna cada vez mais fragmentado, pois ele acaba por não relacionar a disciplina às demais áreas do conhecimento, o que muitas vezes priva os alunos de obterem uma visão mais ampla de mundo, e resulta também, no caso específico das produções de texto, em uma argumentação inconsistente, uma vez que faltam subsídios para a elaboração de textos coerentes.

Pode-se pensar nesse ensino engessado também a partir de propostas de alguns livros didáticos que apresentam uma série de “trabalhos” com o texto literário de maneira superficial, como menciona Clécio Bunzen,

embora essa característica do livro didático não seja a mais grave, o seu maior problema, no que se refere à leitura, está nas intenções e nos objetivos a ela definidos: os textos são reduzidos a pretexto para ensino de conceitos, sejam gramaticais, estilísticos ou literários. (BUNZEN, 2006, p. 47)

Sendo assim, fica nítida a necessidade de um ensino que parta da leitura efetiva do texto literário, o que consequentemente poderá contribuir para um ensino cada vez mais estruturado e consistente de língua portuguesa e de demais áreas, como filosofia, história, sociologia etc.

Sabe-se que um dos objetivos gerais do ensino de Língua Portuguesa dos PCNs (1997, p. 33) é “Valorizar a leitura como fonte de informação, via de acesso aos mundos criados pela literatura e possibilidade de fruição estética, sendo capazes de recorrer aos materiais escritos em função de diferentes objetivos”. Assim, como alcançar esse objetivo sem projetos que viabilizem realizar uma prática literária que enfatize a relação consistente entre aluno-leitor e texto literário?

Pensando nisso, entende-se que para que o trabalho com o texto literário esteja incorporado às práticas de sala de aula e seja capaz de alcançar os objetivos propostos nos PCNs, é preciso que o professor não aborde e “ensine” apenas características de épocas, estilos e escolas literárias, mas que tente promover a leitura literária de forma efetiva e a prática dialógica da leitura e da literatura.

Ensinar a literatura não é apenas elencar uma série de textos ou autores e classificá-los num determinado período literário, mas sim revelar ao aluno o caráter atemporal, bem com a função simbólica e social da obra literária. (BUNZEN, 2006, p. 91)

Cabe, no entanto, ressaltar que a literatura não deve ser compreendida como um objeto isolado, sem levar em consideração o autor, as condições de produção e as interferências do leitor, e também as características de seu tempo de produção. Porém, a proposta é perceber as diferentes contribuições em jogo no ato da leitura literária, evidenciando e enfatizando a prática da leitura do texto literário como central.

É sabido que a literatura é mais que um conhecimento, é uma forma de incentivo ao desejo de expressão pessoal e um modo de se colocar frente ao mundo e podemos por meio dela vivenciar outras experiências. Assim, seu caráter humanizador assume lugar importante na formação dos jovens, pois ela é capaz de nos fazer pensar sobre o que somos e nos incentivar a desejar o mundo pelo nosso próprio olhar. Como afirma Candido (2011), em um conhecidíssimo ensaio: “Por isso que nas nossas sociedades a literatura tem sido um instrumento poderoso de instrução e educação, entrando nos currículos, sendo proposta a cada um como equipamento intelectual e afetivo.” (CANDIDO, 2011, p.177).

Sendo assim, a proposta abordada é de um ensino de literatura e produção textual de maneira articulada, buscando estabelecer diálogos entre ambos, partindo do pressuposto de que a literatura possui um papel formativo, ou seja, é capaz de formar cidadãos críticos e conscientes e, além disso, capazes de produzir textos coesos e coerentes. Entretanto, vale ressaltar que o texto não é pretexto para nada, mas podemos destacar e apresentar por meio dele alguns aspectos importantes sem deixar se perder o significado do texto trabalhado.

1 A dificuldade de argumentar

Sabe-se que a argumentação é importante em todas as disciplinas escolares. Por isso, é necessário que o aluno saiba convencer e persuadir por meio de argumentos e que, conseqüentemente, saiba construir textos nessa perspectiva. A dificuldade da argumentação, especialmente no ensino médio, é um problema recorrente, pois a falta de subsídios para ela faz com que os alunos apenas reproduzam opiniões próprias ou da

mídia, o que deixa em evidencia a complexidade de ter e expor um posicionamento crítico.

De acordo com Marisa Lajolo (1988, p. 32), “O professor de Língua Portuguesa deve dispor de uma noção ampla de linguagem, que inclua seus aspectos sociais, psicológicos, biológicos, antropológicos e políticos. ”, pois isso permitirá que seu aluno perceba que a literatura é importante em sua vida prática, na medida em que o professor propõe atividades que levem os estudantes ao desenvolvimento de senso crítico, aprendendo, com isso, a se informar e adquirir conhecimento de forma autônoma.

A literatura e a leitura literária estimulam o pensamento e desenvolvem o raciocínio, enriquecendo os alunos intelectualmente, pois a partir da leitura, do conhecimento de diferentes aspectos sociais e históricos, o aluno se torna mais apto a discorrer sobre determinado assunto de maneira mais clara e coerente. Assim, é de fato importante e necessário que os professores busquem propor atividades que envolvam a leitura, a literatura e a escrita a fim de aprimorar as habilidades de reflexão e escrita de seus alunos.

2 As orientações dos PCNs

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (1997) foram elaborados, de acordo com seus organizadores, com objetivo de orientar a prática pedagógica dos professores, tendo como papel principal a formação de cidadãos críticos e conscientes. Sendo assim, os PCNs de Língua Portuguesa enfatizam o domínio da língua oral e escrita, pois se acredita que por meio da linguagem o homem tem acesso às informações.

Seguindo as ideias dos PCNs (2000), a língua é uma das formas de manifestação da linguagem, pois é através dela que o sujeito em suas práticas orais e escritas de interação recorre ao sistema linguístico. Assim, o processo de ensino/aprendizagem de Língua Portuguesa deve basear-se em propostas interativas entre língua e linguagem, e pressupor uma visão do que é linguagem verbal. Como apresentado no documento: “O aluno deve ser considerado como produtor de textos, aquele que pode ser entendido pelos textos que produz e o constituem como ser humano.” (PCNs, 2000, p.18).

Em síntese, propõe-se que as atividades realizadas na disciplina de Língua Portuguesa consigam ampliar as habilidades dos alunos de ler, escrever e falar. Como afirmam as Orientações Curriculares Nacionais (2006): “As ações realizadas na

disciplina de Língua Portuguesa, no contexto do Ensino Médio, devem propiciar ao aluno o refinamento das habilidades de leitura e de escrita, de fala e de escuta.” (OCNs, 2006, p.18).

No entanto, embora importantes, os PCNs (2000; 1997) e OCNs (2006) são motivo de grande discussão entre alguns educadores, pois as propostas são pautadas em princípios de inserção social e atendimento às necessidades de mercado. Porém, vale ressaltar que o ensino deve preparar o aluno não apenas para sua inserção no mercado de trabalho, mas também, como sujeito pensante, crítico e expressivo.

Cabe, portanto, à escola viabilizar o acesso do aluno ao universo dos textos que circulam socialmente, ensinar a produzi-los e a interpretá-los. Isso inclui os textos das diferentes disciplinas, com os quais o aluno se defronta sistematicamente no cotidiano escolar e, mesmo assim, não consegue manejar, pois não há um trabalho planejado com essa finalidade. Um exemplo: nas aulas de Língua Portuguesa, não se ensina a trabalhar com textos expositivos como os das áreas de História, Geografia e Ciências Naturais; e nessas aulas também não, pois considera-se que trabalhar com textos é uma atividade específica da área de Língua Portuguesa. Em consequência, o aluno não se torna capaz de utilizar textos cuja finalidade seja compreender um conceito, apresentar uma informação nova, descrever um problema, comparar diferentes pontos de vista, argumentar a favor ou contra uma determinada hipótese ou teoria. E essa capacidade, que permite o acesso à informação escrita com autonomia, é condição para o bom aprendizado, pois dela depende a possibilidade de aprender os diferentes conteúdos. Por isso, todas as disciplinas têm a responsabilidade de ensinar a utilizar os textos de que fazem uso, mas é a de Língua Portuguesa que deve tomar para si o papel de fazê-lo de modo mais sistemático. (PCNs, 1997, p. 26).

Sendo assim, é evidente a necessidade de um estudo que congregue as demais disciplinas, sem perder de vista as especificidades do trabalho com Língua Portuguesa, mas que promova o diálogo entre literatura e produção de texto a fim de que o aluno se torne mais autônomo e amplie seu conhecimento de mundo. Os parâmetros Curriculares Nacionais (1997; 2000) e as Orientações Curriculares Nacionais (2006), embora referências fundamentais, não bastam para transformar efetivamente a prática docente, nem é esta sua pretensão.

3 A produção textual

No que diz respeito ao ensino de produção textual, a maioria das escolas segue um padrão em que o professor de redação é apenas responsável por ensinar os alunos a escrever narrações, descrições e, principalmente, dissertações. Pode-se atribuir isso ao fato dos exames seletivos e do ENEM exigirem a produção de texto dos alunos para que eles consigam ingressar em algum curso superior.

O vestibular acabou por dar mais espaço à produção de texto, porém a uma produção em que os alunos devem se posicionar e dissertar sobre determinado assunto. Na maioria das vezes, a ênfase dada na avaliação dos textos é em relação aos critérios ortográficos e gramaticais, sem articulação com as condições de produção e até mesmo com o material apresentado para essa produção. A avaliação dos textos pautada apenas nesses critérios está longe de acabar e até mesmo ajudar na capacidade de escrita dos alunos. Ela acaba medindo as competências desses por questões gramaticais e estruturais do texto, deixando de lado o desenvolvimento e a habilidade da produção de textos coesos e coerentes, e, por isso, acaba não seguindo a orientação dos PCNs (2000). Essas orientações não propõem medir as competências dos alunos apenas por conhecimentos gramaticais e estruturais de um texto, mas sim formar escritores competentes em sua totalidade.

A proposta dos PCNs (2000) na prática, é de que os alunos se tornem escritores competentes e capazes de produzir textos coesos, coerentes e eficazes. Em síntese, os alunos devem ser capazes de compreender, descrever informações, expor ideias e argumentar de forma coesa e coerente sobre determinado assunto. Como afirma Cosson (2012, p. 17), “na leitura e na escritura do texto literário encontramos o senso de nós mesmos e da comunidade a que pertencemos”.

Vale pontuar que a proposta não é invalidar os processos seletivos nem o Enem, mas sim refletir e pensar nos subsídios que podem ser oferecidos aos alunos por meio da leitura literária e de atividades que a envolvam, para que os jovens leitores e escritores possam desenvolver uma escrita mais concisa sobre variados assuntos, pois se espera deles uma capacidade de leitura e escrita consistente.

Sabe-se que a argumentação não é importante somente para escrever uma redação na disciplina de Língua Portuguesa, é uma habilidade importante para a formação do aluno como sujeito crítico e autônomo. Infelizmente, cada vez mais, há uma dificuldade dos alunos em argumentar, desde dissertar sobre determinado assunto até selecionar, organizar e relacionar argumentos visando à exposição e defesa de um

ponto de vista. Em geral, as redações estão cada vez mais vazias, no sentido de não fugirem do senso comum, se apoiarem em clichês e não apresentarem argumentos coerentes, capazes de passar com clareza uma ideia, de mostrar posicionamento sobre o assunto e de convencer alguém sobre o ponto de vista assumido.

4 A importância da literatura

A literatura tem um fator indispensável de humanização, como afirma Candido (2011) e para cumprir esse papel humanizador é preciso valorizar seu ensino. É necessário que o professor não sobrecarregue os alunos com informações de época, estilos, autores e características de escolas literárias, mas que os incentivem à leitura literária, para que se apropriem do texto e que também o professor consiga trabalhá-lo em sua totalidade.

O estudo literário não pautado no texto literário em si, mas apenas no que se diz sobre ele, priva o aluno de ampliar sua capacidade de reflexão e criticidade. Como argumenta Todorov (2009, p. 27) “na escola, não aprendemos acerca do que falam as obras, mas sim do que falam os críticos”, com isso, frequentemente, perde-se o que há de fundamental nas obras e, sobretudo, a possibilidade do aluno assimilar e tomar para si seu “direito à literatura” (CANDIDO, 2011).

As palavras de Todorov (2009) possibilitam a reflexão sobre a situação em que algumas escolas se encontram quando não atentam à formação do aluno como sujeito crítico e pensante, capaz de produzir sentido a partir daquilo que lê e também de relacionar a realidade vivida com a realidade presente no texto literário. Sendo assim, nota-se que o trabalho efetivo com a literatura e, conseqüentemente, o papel humanizador desempenhado por ela efetua um importante papel em relação à formação social dos indivíduos, os tornando mais críticos e autônomos. Como mencionado nas OCNs (2006, p.60): “Quanto mais profundamente o receptor se apropriar do texto e a ele se entregar, mais rica será a experiência estética, isto é, quanto mais letrado literariamente o leitor, mais crítico, autônomo e humanizado será.”

Assim, é válido pontuar que não se defende o ensino de literatura de maneira fechada e isolada. Sabe-se que é importante contextualizar o texto, apresentar e discutir

seu contexto de produção e sua historicidade, mas é essencial não deixar de lado o sentido que o texto tem e que dá ao mundo.

Pensando nas muitas propostas que deixam de lado o contato com o texto literário e que, conseqüentemente, impossibilitam os alunos de conhecer outros mundos e pensamentos, entende-se o perigo e a ameaça constante que a literatura pode sofrer.

O perigo mencionado por Todorov não está, portanto, na escassez de bons poetas ou ficcionistas, no esgotamento da produção ou da criação poética, mas na forma como a literatura tem sido oferecida aos jovens, desde a escola primária até a faculdade: o perigo está no fato de que, por uma estranha inversão, o estudante não entra em contato com a literatura mediante a leitura dos textos literários propriamente ditos, mas com alguma forma de crítica, de teoria ou história literária. Isto é, seu acesso à literatura é mediado pela forma “disciplinar” e institucional. (TODOROV, 2009, p. 10).

Para Todorov (2009), o perigo que ronda a literatura é o de não ter poder algum, de não participar da formação cultural do indivíduo, ou seja, de não exercer seu papel humanizador, que é de extrema importância, pois essa “humanização” pode nos fazer tornar o mundo mais compreensível.

Para Candido (2011), a literatura desenvolve em nós uma quota de humanidade e nos torna compreensivos e abertos à sociedade e às pessoas com quem convivemos.

Entendo aqui por humanização [...] o processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor. A literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante (CÂNDIDO, 2011, p. 182).

Assim, entende-se que a literatura é uma experiência a ser realizada e mais que um conhecimento a ser reelaborado, é uma forma de incentivo ao desejo de expressão pessoal e um modo de se colocar a frente do mundo, pode-se através dela vivenciar outras experiências. Em um conhecidíssimo ensaio, Antonio Candido (2011, p. 176) afirma que: “não há povo e não há homem que possa viver sem ela, isto é, sem a possibilidade de entrar em contato com alguma espécie de fabulação”.

A fabulação permite ao ser humano ampliar seu conhecimento de mundo e adquirir experiências em vários aspectos. Pensando na produção textual, há a possibilidade de aprimoramento vocabular e do pensamento crítico dos alunos, por

exemplo. Portanto, a literatura deve ser considerada um instrumento de desenvolvimento social, intelectual e afetivo, pois possibilita uma visão sobre a interação com os outros e, além de fazer nos pensar sobre o que somos, pode nos incentivar a desejar o mundo pelo nosso próprio olhar. Sendo assim, a experiência literária permite saber da vida por meio da experiência do outro e vivenciar a mesma, nos tornando, essencialmente, mais humanos.

Para que a literatura desempenhe seu papel humanizador, é necessário que o ensino de literatura se transforme e, primeiramente, que o texto literário volte a ocupar o centro e não os arredores do processo educacional. Ou seja, que o contato dos alunos com a literatura se dê de forma mais efetiva, indo além de apresentações cronológicas e exposição de fragmentos para exemplificá-las.

Sendo assim, cabe aos estudiosos, pesquisadores do assunto e aos educadores a valorização do texto literário e da leitura como meio de inserção do aluno na sociedade e, mais ainda, como potencializadoras da formação do sujeito crítico, considerando a literatura um instrumento poderoso instrução e educação, sendo proposta como forma de crescimento intelectual e, conseqüentemente, fator fundamental para uma boa escrita argumentativa.

5 Como estabelecer diálogos entre o ensino de literatura e produção de texto?

Diante da discussão realizada e da proposta de trabalho conjugado de leitura literária e produção textual, pretende-se apresentar e discutir algumas sequências didáticas, e também refletir sobre essa proposta que busca aliar a literatura e a produção textual. Para isso, podem ser trabalhados poesias, romances, contos ou crônicas, estudando seus aspectos, suas construções, questões temáticas e aspectos sociais representados, a fim de levar os alunos a ampliar seus conhecimentos sobre realidades sociais distintas, visões de mundo complexas e conflitantes, e pontos de vistas diferentes.

Vale ressaltar, que estas sequências não têm intenção de colocar a literatura como suporte, mas sim torná-la o aspecto central e norteador da ampliação do conhecimento dos alunos, por meio da leitura, da fabulação e da imaginação do leitor.

A título de exemplo, serão apresentadas duas sequências didáticas na tentativa de estabelecer diálogos entre a literatura e a produção de texto. A primeira sequência

terá como texto literário norteador um conto. Sabe-se que as narrativas de ficção são construídas de modo a emocionar e impressionar os leitores como se fossem reais, por isso foi escolhido o conto “Pai contra mãe” de Machado de Assis.

No início do conto, o narrador menciona algumas práticas comuns no período da escravidão, dentre elas a “profissão” que o protagonista, Candido Neves, o Candinho irá exercer no decorrer do conto: caçador de escravos fugidos. Machado usa amplamente o recurso da ironia, pois, ao final da narrativa, para “salvar” seu próprio filho de ser entregue à “Roda dos enjeitados”, Candinho capturará Arminda, uma escrava que fugiu por estar grávida. Devido à violência da captura e ao terror de ser entregue ao senhor, Arminda acaba por abortar, o que não produz nenhum impacto moral sobre Candinho que, muito satisfeito, vê no caso apenas a chance de permanecer com seu filho devido à gratificação que recebeu por seu “trabalho”.

A partir disso, pode-se propor uma discussão sobre as escolhas do protagonista e o dilema moral que o conto encerra. Em seguida, podem-se oferecer exemplos contemporâneos de embates e conflitos em que a desigualdade de força (seja física, econômica ou política) é instrumento central da manutenção do *status quo* e da violência que divide a sociedade brasileira como um todo. Sendo assim, poderia ser solicitada aos alunos a produção de um artigo de opinião, no qual os jovens se posicionassem em relação a um fato atual, como por exemplo, a atuação da polícia nas favelas e em relação à população mais pobre, ou a redução ou não da maioridade penal, entre outros.

1ª Aula: Leitura e análise do conto.

2ª Aula: Discussão sobre desigualdades e da violência que divide a sociedade brasileira.

3ª Aula: Discussão do tema principal o relacionando com temas atuais e apresentação das características do gênero textual que será solicitado.

4ª Aula: Apresentação de proposta de produção de texto sobre o tema: A redução da maioridade penal: medida adequada ou retrocesso?

A segunda sequência didática terá como texto literário norteador um poema conhecido de Manuel Bandeira intitulado “O Bicho” e outro poema, também conhecido, de Ferreira Gullar, “O Açúcar”. A leitura e análise desses poemas, além de contribuir para a formação dos alunos, pode ajudar a quebrar a imagem de que estudar poesia é algo extremamente difícil. Entretanto, é importante pontuar que a proposta não quer, de

maneira alguma, colocar a obra como pretexto para discussão de temas exteriores, pretende-se primeiramente trabalhar com os alunos o caráter estético e literário dos textos escolhidos. Para o trabalho com poemas, é essencial realizar a leitura em voz alta dos poemas, pois a vocalização é um elemento essencial para a fruição do texto poético.

Poema 1)

O bicho

*Vi ontem um bicho
Na imundície do pátio
Catando comida entre os detritos.*

*Quando achava alguma coisa,
Não examinava nem cheirava:
Engolia com voracidade.*

*O bicho não era um cão,
Não era um gato,
Não era um rato.*

O bicho, meu Deus, era um homem.

Poema 2)

O açúcar

*O branco açúcar que adoçará meu café
nesta manhã de Ipanema
não foi produzido por mim
nem surgiu dentro do açucareiro por milagre.*

*Vejo-o puro
e afável ao paladar
como beijo de moça, água
na pele, flor
que se dissolve na boca. Mas este açúcar
não foi feito por mim.*

*Este açúcar veio
da mercearia da esquina e tampouco o fez o Oliveira, dono da mercearia.
Este açúcar veio
de uma usina de açúcar em Pernambuco
ou no Estado do Rio
e tampouco o fez o dono da usina.*

*Este açúcar era cana
e veio dos canaviais extensos*

*que não nascem por acaso
no regaço do vale.*

*Em lugares distantes, onde não há hospital
nem escola,
homens que não sabem ler e morrem de fome
aos 27 anos
plantaram e colheram a cana
que viraria açúcar.*

*Em usinas escuras,
homens de vida amarga
e dura
produziram este açúcar
branco e puro
com que adoço meu café esta manhã em Ipanema.*

“O bicho” de Manuel Bandeira trata tematicamente de uma questão social, trazendo à tona uma problemática ainda persistente na sociedade. O autor apresenta o homem como animal, deixando de lado qualquer regra imposta pela sociedade, coisificando o homem em cada estrofe, atribuindo a ele características e ações de “animais”. Pela escolha das palavras, pela linguagem e pela construção do texto, o autor aproxima o leitor a uma realidade antiga que ainda se faz presente, e desconcerta aquilo considerado de caráter apenas de um animal/bicho.

“O açúcar” de Ferreira Gullar é construído de maneira aproximada do poema anterior, no sentido de “denúncia”. No caso específico do segundo poema indicado, “O açúcar”, a denúncia de desigualdade social é mais que evidente. De acordo com sua composição, o poema em cada estrofe remete a quem “cultiva” a cana de açúcar, mais especificamente ao responsável para que o produto chegue à mesa do consumidor, denunciando o fato de que quem planta e colhe o produto sofre para que ele seja fabricado. O poema se volta em direção ao mundo proporcionando uma visão da condição problemática de trabalho, exploração e classes sociais umas sob as outras.

1ª Aula: Leitura e análise dos poemas.

2ª Aula: Discussão da construção de cada poema.

3ª Aula: Discussão de temas presentes nos poemas e relação entre essas temáticas. Apresentação das características do gênero textual que será solicitado.

4ª Aula: Apresentação de proposta de produção de texto que pode envolver desigualdade social, relações abusivas de trabalho e/ou fome.

Considerações finais

Como expõe esta proposta, os Parâmetros Curriculares Nacionais (1997; 2000) e as Orientações Curriculares Nacionais (2006) são referências para o ensino, mas não bastam para que o ensino de literatura ocorra de maneira mais efetiva. Diante disso, é preciso a valorização da leitura literária e, acima de tudo, da literatura, que é um instrumento poderoso na formação social dos indivíduos.

Pensando na dificuldade de dissertar e argumentar sobre alguns assuntos, atividades que unem literatura e produção textual podem fazer com que os alunos ampliem e adquiram mais conhecimento por meio da leitura literária. Como afirma Candido (2011, p. 177): “a literatura confirma e nega, propõe e denuncia, apoia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas.”

Fica claro que a leitura literária e a literatura estimulam e desenvolvem os pensamentos dos jovens alunos, enriquecendo-os intelectualmente. Por isso, é necessário pensar metodologias cada vez mais capazes de aprimorar as habilidades dos alunos no que diz respeito à leitura, interpretação, reflexão e escrita, levando em consideração a existência dos obstáculos no ensino e no ambiente escolar.

Cabe pontuar que este artigo não tem intenção de apresentar fórmulas para trabalhar o ensino de forma dialógica entre literatura e redação, nem literatura. Acredita-se que as sequências podem exemplificar e colocar em questão as possibilidades, benefícios e até dificuldades desse trabalho conjugado.

Para tanto, cabe às escolas e aos professores valorizar a literatura e a leitura literária na formação do sujeito, possibilitando cada vez mais o acesso à literatura a fim de transformar a relação dos alunos com ela e também seu ensino.

Referências Bibliográficas

ASSIS, Joaquim Maria Machado de. *Relíquias de casa velha*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira: Brasília, INL, 1975.

BANDEIRA, Manuel. O Bicho. In: *Melhores poemas*. 5ª ed. São Paulo: Global, 1994.

BRASIL. *Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Médio*. Brasília: MEC/Semtc, 2000.

_____. *Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa*. Brasília: MEC/Semtec, 1997.

_____. *Orientações Curriculares para o Ensino Médio*. I Vol: 1: Linguagens, códigos e suas tecnologias. Brasília: MEC/SEB, 2006, p.17-81.

BUNZEN, Clécio. *Português no Ensino Médio e Formação do Professor*. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

CEREJA, William Roberto. *Uma proposta dialógica de ensino de literatura no ensino médio*. Tese (Tese em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem) – PUC, São Paulo, 2004. Disponível em <
http://www.leffa.pro.br/tela4/Textos/Textos/Teses/William_Cereja.pdf> Acesso em 2 de janeiro de 2017.

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: *Vários escritos*. 5ª edição. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011.

GULLAR, Ferreira. O açúcar. In: *Dentro da noite veloz*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1995.

LAJOLO, Marisa. *Do mundo da leitura para a leitura do mundo*. São Paulo: Ática, 2000.

_____. A formação do professor e a literatura infanto-juvenil. *Série Idéias*, São Paulo: FDE, n.5, 1988. p. 29-34. Disponível em:
http://www.crmariocovas.sp.gov.br/lei_a.php?t=017 Acesso em: 7 jan. 2017.

TODOROV, Tzvetan. *A literatura em perigo*. Trad. Caio Meira. Rio de Janeiro: DIFEL, 2009.